

Redes: dispositivo por excelência das sociedades de controle

SANTOS, Lionês Araújo dos¹
Universidade Federal de Minas Gerais, PPGC-UFGM

Resumo

Este artigo aborda a relação da noção de *rede* e do conceito de *dispositivos* com a idéia de uma sociedade de *controle* na atualidade. Inicialmente, define os conceitos de *rede*, *dispositivo* e, em seguida contextualiza em suas dimensões e implicações na contemporaneidade. Indica que a emergência e proliferação de novos e eficientes dispositivos resultam na formação de uma ampla rede de relações que, por sua vez, fortalece o conceito de *rede* na contemporaneidade ao possibilitar conectar tudo e todos. No entanto, ao proporcionar conexões que operam em nível global com diversas formas de monitoramentos e vigilância, a *rede* se constitui como *dispositivo* por excelência da sociedade de controle.

Palavras-chave: Redes; Dispositivos; Controle.

Abstract

This article discusses the notion of the relationship and the concept of network devices with the idea of a society of control today. Initially, define the concepts of network, device, and then contextualizes in its dimensions and implications in contemporary society. Indicates that the emergence and proliferation of new devices and efficient result in the formation of a broad network of relationships which, in turn, strengthens the concept in contemporary network by enabling connect everything and everyone. However, by providing connections that operate globally with various forms of monitoring and surveillance, the network is as a device par excellence of the society of control.

Keywords: Networks; Devices; Control.

Introdução

Se há uma dignidade do ser humano que merece ser trazida ao discurso de forma conscientemente filosófica, isso se deve, sobretudo ao fato de que as pessoas não apenas são mantidas nos parques temáticos políticos, mas porque se mantêm lá por si mesmas. Homens são seres que cuidam de si mesmos, que guardam a si mesmos, que – onde quer que vivam – geram a seu redor um ambiente de parque. Seja em parques municipais, nacionais, estaduais, ecológicos – por toda parte os homens têm de decidir como deve ser regulada sua automanutenção [SLOTTERDIJK, 2000, p. 49].

¹ Lionês Araújo dos Santos é Graduado em Filosofia pela UFMT, Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pelo ECCO/UFMT, Aluno Especial do PPGC da UFGM e professor da Rede Estadual de Educação Básica/SEDUC/MT. E-mail: lionessantos@hotmail.com

A citação um tanto longa que abre esse artigo tem o intuito de, inicialmente, recuperar o título do polêmico artigo – *Regras para o Parque Humano* - do qual deriva para, posteriormente, fazer uma provocação e, a partir daí, chamar para uma reflexão acerca de alguns conceitos que emergiram recentemente e que já se tornaram recorrentes na atualidade. Eis a questão que se impõe: existem, de fato, “regras para o parque humano?”. Quais são os principais dispositivos dos quais se valem na atualidade e como se configuram em sua eficácia de *regulação* e de *controle* ou de “automanutenção” da sociedade contemporânea? Enfim, quais são suas táticas e seus meios?

Responder a essa questão implica, antes de tudo, situarmos no contexto histórico ainda que brevemente e de maneira talvez não tão precisa quanto a datação exata dos fatos. Mas, é evidente que, desde os anos 60, quando eram se testado entre as faculdades norte-americanas os primeiros experimentos do que viria ser a internet, as tecnologias informacionais já haviam esboçados alguns pressupostos do que Lévy, na sua obra *Cibercultura* (1999), apontaria elementares para a constituição e consolidação do ciberespaço enquanto plataforma social: a universalização do acesso e de conteúdos como discursos de uma globalização tecnológica; a emancipação dos usuários ao sugerir que do acesso estivessem alinhavados novos estados de conhecimento; a interconexão pela capacidade da internet interligar indivíduos dos mais diferentes lugares.

Estes pilares induzem a formação uma nova configuração de sociedade que passa a ser caracterizada por uma série de novos conceitos, a maioria, imbricados a questões ligadas à percepção geográfica dos lugares sociais como também da noção de tempo. E, provavelmente o mais prosaico deles emerge como uma hipermetáfora, quando compara as sociedades atuais a uma grande rede. Trata-se da teoria da Sociedade em Rede, da qual, estudiosos como o espanhol Castells, os brasileiro André Lemos e Raquel Recuero são defensores fervorosos; mas que também permite conexões com a ideia de sociedade de controle de Deleuze (1990), ou ainda, mais especificamente, como define Michel Hardt: “uma sociedade mundial de controle” (HARDT, 2000).

Posto essas caracterizações é pertinente a seguinte questão: qual será, portanto, o lastro que dá sustentação a sociedade contemporânea? Podemos aqui invocar a idéia da *rede* como conceito chave uma vez que esta possui possibilidade de desdobramentos ao infinito? Ao que tudo indica, parece que sim.

A noção de *rede* atrelada aos conceitos de *dispositivos* e idéia de *controle* parece já se firmarem como “palavras de ordem” quando se trata de descrever características da sociedade contemporânea. Esses conceitos parecem aqui ser, num primeiro momento, a opção mais indicada para se pensar às relações contemporâneas. Talvez, num primeiro olhar, tratá-los juntos pode parecer ambíguo. No entanto, parece ficar evidente o jogo duplo de uma estrutura que, tendo a noção de *rede* como base é de certa forma, evidente a necessidade de interligação entre os três conceitos: *dispositivos*, *redes* e *controle*. Portanto, a proliferação de *dispositivos* contemporâneos e as *redes* que se apresentam insinuam enquanto natureza tática de uma sociedade de *controle* que se potencializa cada vez mais.

A idéia de uma sociedade de *controle* foi inicialmente formulada pelo filósofo Gilles Deleuze (1990). Para o autor, a emergência das redes virtuais instauraria e reforçaria dispositivos mais eficientes de gerir a vida dos indivíduos. Ao invés de espaços de confinamento das sociedades disciplinares, sistemas de matrículas e codificações digitais estabelecem um poder de monitoramento de processamento invisível, mas de efeitos nefastos para as individualidades e agenciamentos subjetivos de postura à revelia à lógica dominante e opressora do Estado. Assim, a idéia de *rede* se apresenta aqui como “conceito maior” na sustentação do lastro social contemporâneo com suas normatividades ou controles.

O presente artigo tem, desse modo, o objetivo de provocar uma reflexão acerca da condição da sociedade contemporânea frente ao conceito de *rede* e os dispositivos midiáticos da atualidade. Inicialmente, caracterizarei brevemente os conceitos de *redes* e de *dispositivos* e, em seguida, situarei cada um deles na contemporaneidade. Feito essa breve caracterização será, portanto, pensado a relação conceitual de *dispositivos* e *redes* com as ações concretas dos indivíduos nas sociedades atuais. Está a noção de *rede* está intimamente ligada a táticas eficientes de *controle* da sociedade contemporânea?

A idéia de uma sociedade que a partir da modernidade se configura em “sociedade de controle”, tendo a *rede* como *dispositivo* que se desdobra ao infinito no tempo e no espaço, parece ser perceptível a partir da análise do pensamento de alguns importantes marcos teóricos, especialmente, Michel Foucault, Gilles Deleuze e Giorgio Agamben. Dentre outros, autores como Michel Serres e Bruno Latour são também referências fundamentais quando se trata de pensar as novas configurações da sociedade a partir da noção de *rede*.

Valendo desse marco teórico elencado e de outros ainda não mencionados aqui, inicialmente, caracterizarei o conceito de *dispositivo*, de *rede*, para então, posteriormente, pensar

a relação desses conceitos com a idéia de uma suposta sociedade de controle que opera suas relações permeadas por dispositivos e em *rede*.

1. Breve caracterização do conceito de dispositivo

Nós pertencemos a dispositivos e agimos neles. A novidade de um dispositivo em relação aos precedentes pode ser chamada de sua atualidade, nossa atualidade. O novo é o atual. O atual não é o que somos, mas antes o que nós nos tornamos, aquilo que estamos nos tornando, isto é o Outro, nosso tornar-se outro. Em todo dispositivo, é preciso distinguir aquilo que nós somos (aquilo que nós já não somos mais) e aquilo que nós estamos nos tornando: a parte da história, e a parte do atual (DELEUZE, 1996, p. 5).

O mundo contemporâneo parece ser um mundo prenhe da produção e proliferação de novos dispositivos. Mas como definir o conceito de dispositivo? Poderia buscar aqui a sua gênese no pensamento de Michel Foucault ao estudar a rede de relações travadas entre saber e poder, discursos e práticas. Mas, não é o caso de traçar aqui por completo uma historicidade ou genealogia do conceito em questão. Portanto, irei direto ao ponto central anteriormente proposto: apenas o de uma breve definição conceitual da idéia de *dispositivo*.

Talvez a melhor definição para o conceito de *dispositivo* encontre-se nos escritos do pensador italiano, Giorgio Agamben, pela amplitude com que o autor consegue abarcar a questão. Para esse pensador - da forma como ele trata o conceito - qualquer objeto pode funcionar como dispositivo. Nas palavras de Agamben:

Generalizando posteriormente a já amplíssima classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e - porque não - a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata - provavelmente sem dar-se conta das conseqüências que se seguiriam - teve a inconsciência de se deixar capturar (AGAMBEN, 2009, p. 5).

Agamben mapeia classes de dispositivos em sua amplitude e historicidade. De acordo com a definição dada pelo autor, vemos que os dispositivos compreendem uma gama muito ampla de “coisas” que capturam, orientam e determinam a cultura no tempo e no espaço. Desse

modo, é compreensível que tudo aquilo que vemos ou fazemos em determinadas épocas históricas está ligado aos dispositivos disponíveis em cada momento histórico.

Para Agamben a idéia de dispositivo parece partir de certa cisão entre o domínio da vida e o domínio da práxis, de modo que; os dispositivos constituem o que nos vemos e o que nos ouvimos em dado momento histórico, ou seja, promovem modos de ser e modos de ver. Ou ainda, conforme Fernanda Bruno (2004) “máquinas de ver, modos de ser”. Assim, um dispositivo não é somente um constrangimento, mas também uma potência, de forma que parece ser nos embates circunstanciais que travamos com os dispositivos que nós nos constituímos como sujeitos historicamente situados e datados numa dada cultura.

Outra definição para o conceito de *dispositivo* que vale a pena mencionar aqui é dada pelo filósofo Gilles Deleuze. Antes de conceituá-lo o filósofo faz a seguinte pergunta: “Mas o que é um dispositivo?” Prossegue o autor descrevendo que um dispositivo:

É antes de mais nada um emaranhado, um conjunto multilinear. Ele é composto de linhas de natureza diferente. E estas linhas do dispositivo não cercam ou não delimitam sistemas homogêneos, o objeto, o sujeito, a língua, etc., mas seguem direções, traçam processos sempre em desequilíbrio, às vezes se aproximam, às vezes se afastam umas das outras. Cada linha é quebrada, submetida a variações de direção, bifurcante e engalhada, submetida a derivações. Os objetos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos em posição são como vetores ou tensores. Assim as três grandes instâncias que Foucault distinguirá sucessivamente, Saber, Poder e Subjetividade, não têm de maneira alguma contornos fixos, mas são correntes de variáveis em luta umas com as outras (DELEUZE, 1996, p. 1).

Os dispositivos ao se desenvolverem no campo da experiência eles não se desenvolvem de forma homogênea como se seu funcionamento se desse unicamente em campo fechado em linha reta. É mais adequado pensar aqui em processos heterogêneos. De acordo com Deleuze (1996, p.1-2): “[...] em cada dispositivo, as linhas transpõem alguns limiares, em função dos quais elas são estéticas, científicas, políticas, etc.”

A linha de força se produz “em toda a relação de um ponto a outro”, e passa por todos os lugares de um dispositivo. Invisível e indizível, ela está estreitamente embaraçada às outras, e, no entanto, pode ser desembaraçada. (DELEUZE, 1996, p. 2).

Segundo nos mostra Deleuze (1996, p. 3) “Os dispositivos têm, portanto como componentes linhas de visibilidade, de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas

de ruptura, de fissura, de fratura, e todas se entrecruzam e se misturam, de modo que umas repõem as outras ou suscitam outras, através de variações”

O mesmo sentido de positividade conferido por Agamben é também compartilhado por Gilles Deleuze ao descrever que: “Os dispositivos são como máquinas de Raymond Roussel analisadas por Foucault, são máquinas de fazer ver e de fazer falar”. (DELEUZE, 1996, p. 1).

2. Sobre dispositivos contemporâneos e poder

Não seria provavelmente errado definir a fase extrema da consolidação capitalista que estamos vivendo como uma gigantesca acumulação e proliferação dos dispositivos. Certamente, desde que apareceu o homo sapiens havia dispositivos, mas dir-se-ia que hoje não haveria um só instante na vida dos indivíduos que não seja modelado, contaminado ou controlado por algum dispositivo (AGAMBEN, 2009, p. 5).

O pensador francês Michel Foucault (1926 - 1984) pensa os dispositivos a partir do século XIX como dispositivo de regulações das populações. Em suas palavras:

Dizer que o poder, no século XIX, tomou posse da vida, dizer que o poder, no século XIX, incumbiu-se da vida, é dizer que ele conseguiu cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população, mediante ao jogo duplo das tecnologias de disciplina, de uma parte, e das tecnologias de regulamentação, de outra. Portanto, estamos num poder que se incumbiu tanto do corpo quanto da vida, ou que se incumbiu, se vocês preferirem, da nossa vida em geral, com o pólo do corpo e o pólo da população [FOUCAULT, 2002, p. 302].

Foucault percebeu muito bem que os dispositivos de regulação estendem ao corpo, à população, à vida de forma geral. Na atualidade, as relações de poder potencializam ainda mais. O poder encontra novos dispositivos com os quais confrontados, somos disciplinados, controlados e regulados para atuarmos conforme as exigências normativas da sociedade. A contemporaneidade produz dispositivos em maior número e graus de sofisticação que se proliferam rapidamente por todo o corpo social. Em meio aos tradicionais dispositivos da linguagem, da escrita e de antigas ferramentas, emergem-se canais de comunicação mais pluridimensionais, sinérgicos. Aparelhos que funcionam a cada dia agregados a uma pluralidade de funções dão agora a precisão imediata dos indivíduos no tempo e no espaço.

Ao escrever o célebre artigo “Post-Scriptum - sobre as sociedades de controle” na década de 90, o filósofo Gilles Deleuze já postulava sobre as mudanças em curso que engendrava novos e eficientes dispositivos. Escreveu Deleuze que:

Não há necessidade de ficção científica para se conceber um mecanismo de controle que dê, a cada instante, a posição de um elemento em espaço aberto, animal numa reserva, homem numa empresa (coleira eletrônica). Félix Guattari imaginou uma cidade onde cada um pudesse deixar seu apartamento, sua rua, seu bairro, graças a um cartão eletrônico (dividual) que abriria as barreiras; mas o cartão poderia também ser recusado em tal dia, ou entre tal e tal hora; o que conta não é a barreira, mas o computador que detecta a posição de cada um, lícita ou ilícita, e opera uma modulação universal. (DELEUZE, 1990, p. 5).

Essa descrição que Deleuze faz como sendo uma imaginação de Félix Guattari já é realidade. Os avanços da computação e da informatização de toda espécie de atividade e serviços estão cada vez mais ganhando dimensão. Novos dispositivos como: cartões eletrônicos e chips são cada vez mais utilizados como formas de controle de acesso a determinados ambientes, como por exemplo: bancos, shoppings, empresas e até mesmo residências.

Desse modo, o poder se exerce em meio a liberdade na convocação para o gozo, para a autonomia e para a felicidade. Mas, como percebido por Foucault, o poder parece funcionar sempre em rede, potencializando cada vez mais no mosaico de dispositivos que se proliferam na contemporaneidade.

3. Breve caracterização do conceito de rede

Nunca se encontra o famoso roteiro de uma linguagem cortada do mundo e de um mundo cortado da linguagem, mas se encontra por toda parte a relação transversal, ao mesmo tempo contínua – que liga centro de cálculos, a montante e a jusante, a outras situações (LATOURE, 2004, p. 9).

A noção de *rede* hoje é onipresente. A idéia de rede parece conduzir todas as relações possíveis que são travadas desde sujeitos/sujeitos a sujeitos/objetos. Utilizando o conceito de Bruno Latour (2004), a rede parece figurar como certo dispositivo, “centro de cálculo”, na medida em que o objeto passa por uma série de mediações e se produz através de práticas de relações. O conceito de rede segundo Latour não se restringe apenas aos aparatos sócios técnicos. Pelo contrário, envolve relações diversas que o perpassam tornando a natureza aculturada e a cultura naturalizada. Latour toma como exemplo para ilustrar a questão a vida de laboratório onde se passa uma série de relações.

Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) buscam analisar as redes a partir do conceito de um rizoma, que para eles “conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus

traços da mesma natureza: ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não signos”. Um rizoma não possui ponto específico central capaz de brotar novas forças. Mas, todas as suas dimensões são capazes de novos rebentos, novos ligamentos, novas conexões, novas vidas e, portanto, novas forças.

Michel Serres (1969) propõe um diagrama em rede, definido como: “uma pluralidade de pontos extremos ligados entre si por uma pluralidade de ramificações”. Serres utiliza de um exemplo bastante ilustrativo para explicitar a sua concepção de rede. Seu modelo basilar é o jogo de xadrez em que na trama, composta por suas várias peças do jogo, a cada deslocamento de uma única peça ocorre uma reconfiguração de toda rede e o estabelecimento de novas forças. Uma rede é, dessa forma, concebida como uma construção “plurideterminada”, ou seja, cada nó é perpassado por várias forças que o constituem.

Os autores aqui citados – Latour, Deleuze, Guattari Serres – de modo quase consensual percebem a metáfora da rede no que ela possui de mais integrador: a multiplicidade das suas conexões. Dessa forma, concebe também um mundo formado por uma pluralidade de conexões, tecido por relações de natureza diversas, plural, mestiço e rizomático, onde as forças não são centralizadas e os fatos não são puros. Um mundo caracterizado como mundo *rede* ou *rede* mundo. Nessa perspectiva, o próprio indivíduo pode ser caracterizado como sendo uma *rede*, na medida em que se constitui de relações.

4. Sobre redes contemporâneas e controle

Nos próximos anos, seus relacionamentos vão definir os rumos de sua carreira e quanto você vai ganhar. Aprenda a pensar o trabalho como uma rede social [Revista *Você S/A*, edição 156, junho de 2011. p. 26-35].

O mundo contemporâneo é um mundo tecido por redes de toda espécie. É o mundo das conexões e das redes midiáticas, de relacionamento e de mercado. É sem dúvida, um mundo globalizado que com sua tessitura liga não somente pontos geográficos específicos, mas, tudo e todos na imensa aldeia global. Do mercado às relações sociais, afetivas e profissionais, tudo parece estar se assentando nas tramas da idéia de *rede*.

Bill Gates, o fundador da Microsoft, há aproximadamente duas décadas já vaticinava sobre a nova configuração do mundo contemporâneo que seria perpassado pelas redes das

telecomunicações, em especial, a internet. Ao escrever o seu livro: *A Estrada do Futuro* em 1995, dizia Gates:

Não está longe o dia em que você poderá realizar negócios, estudar, explorar o mundo e suas culturas, assistir a um grande espetáculo, fazer amigos, freqüentar mercados da vizinhança e mostrar fotos a parentes distantes sem sair de sua escrivaninha ou de sua poltrona. Ao deixar o escritório ou a sala de aula você não estará abandonando sua conexão com a rede. Ela será mais que um objeto que se carrega ou um aparelho que se compra. Será seu passaporte para uma nova forma de vida, intermediada [GATES, 1995, p. 15].

Gates utiliza o termo *estrada* ao se referir à rede informática que, segundo ele, num futuro não muito distante estabelecerá conexões em todas as partes do planeta. Diz ele que:

O termo *estrada* sugere ainda que está todo mundo conduzindo um veículo seguindo na mesma direção. A rede, porém, se parece mais com uma porção de estradas vicinais, onde todo mundo pode olhar para o que bem entender ou fazer aquilo que seus interesses particulares determinarem [GATES, 1995, p. 17].

Atualmente, redes de toda natureza proliferam-se em ritmo acelerado conectando tudo e a todos. Numa dimensão mais restrita da idéia de *rede* tomamos como exemplo as denominadas redes sociais. Cito apenas as mais conhecidas delas como: Facebook¹, Orkut², My Space³, Twitter⁴ e LinkedIn⁵. A cada dia essas redes sociais experimentam altos índices de crescimento, conectando pessoas e fazendo circular signos de toda espécie. Essas redes proporcionam ainda a emergência de novos dispositivos, novas formas de liberalização ou de vigilância.

¹ O Facebook é uma rede social lançada em 04 de fevereiro de 2004. Foi fundado por Mark Zuckerberg. Essa rede social reúne pessoas a seus amigos e àqueles com quem trabalham, estudam e convivem. O Facebook já tem hoje mais de 750 milhões de membros em todo o mundo.

² O Orkut foi criado em 19 de janeiro de 2004 pelo engenheiro turco Orkut. Em pouco tempo, a rede social passou a ser administrada pelo Google e teve repercussão mundial. A rede conta hoje com cerca de mais de 30 milhões de usuários.

³ O MySpace é uma rede social lançada em 2003 por Chris DeWolfe e Tom Anderson. A rede busca unir pessoas, amigos e família através de blogs, grupos, fotos, músicas, etc.; e, estima-se que promove atualmente interatividade entre mais de 100 milhões de membros.

⁴ O Twitter foi criada em 21 de Março de 2006. Surgiu com a intenção de ser um micro-blog para agilizar as comunicações. O Twitter é uma das redes sociais que mais crescem hoje no mundo. Já conta com mais de 200 milhões de usuários.

⁵ O LinkedIn é uma rede social online para contatos profissionais. Foi fundado em maio de 2003 por Reid Hoffman, Allen Blue, Jean-Luc Vaillant e Konstantin Guericke. O LinkedIn conta hoje, mundialmente, com mais de 100 milhões de membros.

Provavelmente, assim como dispositivos, redes também não são fenômenos estritamente contemporâneos. Mas, por certo, novas redes passaram a existir, novas tramas e novos fios a tecem em variadas dimensões provavelmente nunca antes existentes. Talvez, isso já seja suficiente para se falar de redes contemporâneas e de uma “contemporaneidade em rede”.

Essa contemporaneidade em *rede* parece reforçar a perspectiva de uma sociedade de *controle*, onde tudo e todos estão conectados, interligados e, portanto, controlados.

Considerações finais

Ao escrever sobre “a sociedade de controle”, Deleuze parece indicar que as mudanças na gestão da vida dos indivíduos ocorreram principalmente depois da Segunda Guerra Mundial. Com o aparecimento de novos aparelhamentos foi possível uma nova reconfiguração que substituem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado.

Novos e eficientes dispositivos surgiram e continuam surgindo a cada dia. O avanço da telefonia celular coloca todos em contato. Os novos dispositivos e aparelhamentos informáticos colocam todas as pessoas em *rede*. Todos passam a serem vigiados e controlados. Os indivíduos passam, dessa forma, a serem prisioneiros em campo aberto. Pois, os são hoje, permanentemente, colocados sob olhar dos outros, seja através da escuta telefônica, das redes sociais que pertencem e de locais que frequentam ou sob a observação das câmeras de vigilância onde quer que os encontrem em sua movimentação ou localização geográfica.

Além da presença de câmaras por todos os lados, chips e monitores reforçam a vigilância e o controle da circulação tanto dos indivíduos quanto dos seus processos comunicativos. Assim como os indivíduos, todas as suas comunicações são postas em rede e monitoradas. Assim, por meio de diversos dispositivos como: câmeras, satélites, chips, aparelhos celulares, GPS (Sistema de Posicionamento Global) e aparelhos de escuta de altíssima precisão monitoram-se imagens e linguagens. Nesse sentido, dispositivos, redes e controle parecem realmente se fundirem na regulação das ações e, portanto, controle da sociedade contemporânea.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo**. In: Agamben, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009. Disponível em: <[http://www.4shared.com/document/22b1IEAA/O que e um dispositivo - Agamb.html](http://www.4shared.com/document/22b1IEAA/O_que_e_um_dispositivo_-_Agamb.html)>. Acesso em 20 de jun. 2011.

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia.** Dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006. P. 19-86: Parte I – Hipótese prospectiva. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/ljV51S6e/A_sociedade_enfrenta_sua_midia.html>. Acesso em: 20 de jun. 2011.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação.** In: *Revista Famecos*, n. 24, Porto Alegre, jul. 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/390/319>>. Acesso em: 20 de jun. 2011.

CALGARO, Fernanda; GODINHO, Rogério. **O poder das conexões.** São Paulo, SP: *Revista Você S/A*, edição 156, junho de 2011. P. 26-35.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em rede.** São Paulo, SP: Paz e Terra, 2000.

DELEUZE, Gilles. **O que é um dispositivo?** In: Deleuze, G. *O mistério de Ariana.* Lisboa: Vega, 1996. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/eNvseZHO/O_que_e_um_dispositivo_-_Gille.html>. Acesso em: 20 de jun. 2011.

DELEUZE, Gilles. **“Post-Scriptum - sobre as sociedades de controle”.** In: *Conversações.* São Paulo, SP: Editora 34, 1990.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia.** Vol. 1. São Paulo, SP: Editora 34, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infames.** In: *O que é um autor.* Lisboa: Passagens, 1992. PP. 89-128. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/cpL3wglD/A_vida_dos_homens_infames_-_Fo.html>. Acesso em: 20 de jun. 2011.

FOUCAULT, Michel. **Direito de morte e poder sobre a vida.** In: Foucault, Michel. *História da sexualidade I. A vontade de saber.* Rio de Janeiro: Graal, 1984. Disponível em: http://www.shared.com/document/KZGPYLhu/Direito_de_morte_e_poder_sobre.html

Acesso em: 20 de jun. 2011.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 2002.

GATES, Bill. **A Estrada do Futuro.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995.

HARDT, Michael. **A sociedade mundial de controle.** In: Alliez, Éric. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000.

LATOURETTE, Bruno. **Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas, coleções.** In: Parente, André (org.). *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas.* Porto Alegre: Sulina, 2004. P. 39-63. Disponível em: <http://www.4shared.com/document/Ln0JFkwF/Redes_que_a_razao_desconhece_-_html>. Acesso em: 20 de jun. 2011.

SERRES, Michel. **Filosofia Mestiça.** Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1993.

SERRES, Michel. **Hermès I, la communication** (Hermes I, a comunicação). Editions de Minuit: Paris, 1969.

SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo.** São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2000.

